

1902 – 2002

100 Anos de Glórias

Pedro da Cunha e Menezes

Co-autores

Argeu Affonso

Carlos Santoro

Gustavo Marins de Aguiar

Jorge Wilson Magalhães de Souza

Vicente Dattoli

Andrea Jakobsson
Estúdio

FLUMINENSE
FOOTBALL CLUB

1902 - 2002

100 ANOS
DE GLÓRIAS

FLU 100 ANOS

1902 - 2002









LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

Patrocínio

BR
PETROBRAS



FLUMINENSE

FOOTBALL CLUB

1902 – 2002

100 ANOS

DE GLÓRIAS

PEDRO DA CUNHA E MENEZES

Co-autores

ARGEU AFFONSO

CARLOS SANTORO

GUSTAVO MARINS DE AGUIAR

JORGE WILSON MAGALHÃES DE SOUZA

VICENTE DATTOLI











Há 50 anos, então jovem aluno do Pedro II, nem sonhava ter a honra de presidir o Fluminense quando meu clube festejasse seu centenário. Torcedor fervoroso, procurava saber pelos jornais e rádios tudo quanto se referia à vida tricolor. Vibrava nos estádios onde o time se apresentava. Juntava-me ao numeroso grupo de torcedores do colégio e do bairro de minha adolescência, o Rio Comprido, nas muitas tardes de vitória, nos poucos dias de insucesso.

Logo chegou às minhas mãos o livro do cinqüentenário e rapidamente devorei as páginas em que Paulo Coelho Netto primorosamente nos apresentava à história do Fluminense. Aquela narrativa fez-me um quase íntimo dos pioneiros que em 21 de julho de 1902 fundaram a maior glória social-esportiva do Brasil. Cresciam em minha admiração os Cox, os Frias, os Guinle, os Carneiro de Mendonça, os Coelho Netto, Alaor Prata, Mário Pollo, Manoel de Moraes e Barros, sucedendo, antecedendo ou ladeando homens da mesma estirpe, irmanados no amor incondicional à bandeira das três cores. E alinhavam-se as emoções dos imortais tetracampeonato, tricampeonatos, bicampeonatos de futebol. E o supercampeonato? O Mundial Interclubes? Desfilavam heróicos Welfare, Mano, Preguinho, Laís, Oswaldo Gomes, Zezé Guimarães, Fortes, Batatais, Romeu, Tim, Russo, Pedro Amorim, Brant, Orozimbo, Castilho, Orlando, Waldo, Denilson, Ademir, Rodrigues, Bigode, Píndaro, Pinheiro, Didi, Telê e Carlyle. Predecessores, por certo, de tantos e tantos craques incontestáveis que nessas cinco décadas seguintes souberam dignificar a camisa do Fluminense.

E a balança que Affonso de Castro idealizou para mostrar a hegemonia dos nossos atletas olímpicos? No lado em que o prato pesava mais, os títulos do Fluminense; no outro, bem lá embaixo, agrupados, os títulos de todos os demais clubes do Rio. Hegemonia bem traduzida na concessão da Taça Olímpica, aval do Comitê Olímpico Internacional a uma trajetória pontilhada de glórias no esporte.

São fatos marcantes e inesquecíveis, e, a partir daí, fui deles uma testemunha atenta, embora em curtos períodos meus compromissos profissionais me afastassem apenas fisicamente do Fluminense. Em pensamento, jamais houve distância entre nós. Aqui ou lá fora, acompanhei o brilhantismo dos times formados nas gestões de Nelson Vaz Moreira, Jorge Frias de Paula, Francisco Laport, Francisco Horta, Sylvio Vasconcellos, Sylvio Kelly, Manoel Schwartz e Arnaldo Santhiago. Ou os esforços das administrações Antonio Leite, Jorge Amaro de Freitas, Luiz Murgel, Fabio Egypto e Angelo Chaves.

Nesses anos os tempos e os costumes mudaram, o mundo mudou, o esporte mudou. Só o Fluminense continua o mesmo desde Oscar Cox e seus amigos: intransigente na defesa da ética, coerente na busca do melhor, perseguindo a vitória sem desprezar os preceitos da honestidade, contra o triunfo a todo custo – aquele que alegra no instante do sucesso mas avilta toda uma história. E a história do Fluminense não se fez nem se faz ou fará dessa espécie de vitória. Essa História — com agá maiúsculo — está nas páginas que se seguem, mostrando quanto suor, trabalho, dedicação e carinho se somaram para criar e manter este Clube exemplo e orgulho do Brasil. Que você, jovem tricolor, ou você, tricolor já de cabelos grisalhos, mas com a juventude no coração, devorem este livro dos 100 anos com entusiasmo e emoção iguais às daquele adolescente aluno do Pedro II.

David Fischel

Presidente

Fluminense Football Club









O ano de 2002 é especial. Ao completar um século de existência, o Fluminense Football Club renova seus compromissos com a tradição e com sua vocação para a vitória. Isso bastaria para a maioria dos times. Mas, neste momento, é importante destacar também que a *instituição Fluminense* entra no século XXI revigorada, renascida e mais sólida do que nunca.

A disposição, porém, é a mesma do início: respeito à camisa, à torcida e aos valores tricolores. Em sintonia com os novos tempos, a ética continuará a nortear a trajetória do Clube. Torcedor e tricolor apaixonado que sou, sinto-me particularmente honrado em registrar aqui a importância do Fluminense para o esporte e a sociedade brasileira.

Como patrocinadora do livro *Fluminense Football Club – 100 Anos de Glórias*, a Petrobras Distribuidora deseja ao tricolor carioca sorte e sucesso em sua caminhada neste e nos próximos séculos. E que sua torcida continue sendo o exemplo de paixão e fidelidade que sempre foi.

Julio Bueno

Presidente

Petrobras Distribuidora



© Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda.

Editora
Andrea Jakobsson

Textos
Pedro da Cunha e Menezes

Co-autores
Argeu Affonso
Carlos Santoro
Gustavo Marins de Aguiar
Jorge Wilson Magalhães de Souza
Vicente Dattoli

Pesquisa
Mário da Silveira
Carlos Santoro

Design
Silvana Mattievich

Fotografias
Acervo Flu-Memória; Renan Cepeda (ensaio arquitetônico e reproduções do acervo); Tyba/Emmanoel (pág. 164); Abril Imagens (págs. 131-135, 140, 142-145, 147, 148, 151-155, 157-161, 171, 172 e 174); Agência O Globo (págs. 128, 133, 136-138, 143, 148, 169); Serviço de Documentação da Marinha (pág. 65).

Revisão
Sérgio Bellinello Soares
Itamar Rigueira

Digitalização de imagens e fechamento de arquivos
Organização Beni

Impressão e acabamento
Donnelley Cochrane Editora Gráfica

Assessoria de imprensa
Adois Comunicação Ltda.

Todos os direitos reservados para
Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda.
Rua Xavier da Silveira 45 sala 906
Copacabana 22061-010 Rio de Janeiro RJ
Tel/fax: (21) 2267 6763
andrea.j@terra.com.br

Andrea Jakobsson agradece especialmente a:
Claudio Mitsuya, sem cujo apoio este livro não existiria;
David Fischel, Fabio Egypto, Milton Mandelblatt, Marcos Furtado e Nelson Teles;
Emilia S. Cordeiro, Luiz Carlos Pereira e José Borges;
Mario Rodrigues Neto, Barbara Heliodora, Paulo Alberto Monteiro de Barros (Artur da Távola), Família Álvaro Moreyra, Nelson Goyanna e Roberto Porto, pela gentil cessão de sua propriedade intelectual e acervos documentais.

Pedro da Cunha e Menezes dedica este livro a Pedro Afonso Lutz Barbosa, a Mauro Tse, e a seu filho Lucas Afflalo Brandão da Cunha e Menezes.

Apresentação **10**

Introdução **12**

Final do Século XIX no Rio de Janeiro **14**

O Futebol chega ao Rio de Janeiro **18**

A Gênese do Fluminense Football Club **22**

O Uniforme e a Sede **25**

Os Primeiros Títulos **33**

A Era Welfare **46**

O Fluminense Transcende o Futebol **71**

O Profissionalismo **83**

O Fla-Flu da Lagoa **90**

O Timinho é Campeão do Mundo **108**

A Primeira Conquista do Campeonato Brasileiro **131**

O Brasil Convoca o Time Inteiro do Fluminense para Vestir a Camisa da Seleção Canarinho **149**

Após Nove Anos sem Títulos, o Tricolor Vence o mais Emocionante dos Campeonatos Cariocas **168**

Quadro de Honra dos Esportes Amadores e Listagens Institucionais **180**





APRESENTAÇÃO

Ser Fluminense é entender esporte com bom-gosto. É ser leal sem ser boboca e ser limpo sem ser ingênuo. Ser Fluminense é aplicar o senso estético à vida e misturar as cores de modo certo, dosar a largura do grená, a profundidade do verde com as planuras do branco.

Ser Fluminense é saber pensar ao lado de sentir e emocionar-se com dignidade e discrição. É guardar modéstia, a disfarçar decisão, vontade e determinação. É calar o orgulho sem o perder. É reconhecer a qualidade alheia, aprimorando-se até suplantá-la.

Ser Fluminense não é ser melhor, mas ser certo. Não é vencer a qualquer preço mas, vencer-se primeiro para ser vitorioso depois. E não perder a capacidade de admirar e de (se) colocar metas sempre mais altas, aprimorando-se na busca!

Ser Fluminense é gostar de talento, honradez, equilíbrio, limpeza, poesia, trabalho, paz, construção, justiça, criatividade, coragem serena e serenidade decidida.

Ser Fluminense é rejeitar abuso, humilhação, manha, soslaio, sorrateiros, desleais, temerosos, pretensão, soberba, tocaia, solércia, arrogância, suborno ou hipocrisia.

É pelejar, tentar, ousar, crescer, descobrir-se, viver, saber, vislumbrar, ter curiosidade e construir.

Ser Fluminense é unir caráter com decisão, sentimento com ação, razão com justiça, vontade com sonho, percepção com fé, agudeza com profundidade, alegria com ser, fazer com construir, esperar com obter. É ter os olhos limpos, sem despeito e claros como a esperança.

Ser Fluminense, enfim, é descobrir o melhor de cada um, para reparti-lo com os demais e saber, a cada dia, amanhecer melhor, feliz pelo milagre da vida como prodígio de compreensão e trabalho, para construir o mundo de todos e de cada um, mundo no qual tremulará a Bandeira Tricolor.

Artur da Távola

Oscar Alfredo Cox, principal fundador e primeiro presidente do Fluminense Football Club.

A chácara da Rua Guanabara, atual Pinheiro Machado, alugada em 17/10/1902 para abrigar as primeiras instalações do Clube.







INTRODUÇÃO

Comemoramos, em 2002, o centenário de fundação do Fluminense Football Club. Esse ato, liderado por Oscar Alfredo Cox, entretanto, apenas trouxe para o mundo das instituições uma entidade que sempre existiu no Universo. O Tricolor teve sua gênese antes do nada. Mais do que isso, como nos ensinou o profeta Nelson Rodrigues, no exato momento em que o Cosmo iniciava sua formação, o Fluminense encontrava-se quarenta minutos adentro de disputado Fla-Flu, em que já batia o rubro-negro.

Apesar disso, foi necessário que se passassem alguns milhares de anos até que a Humanidade estivesse à altura de materializar em uma única instituição terrena a gama de valores elevados que representam o Ser Fluminense. Pode ser dito que, por pouco, isso não aconteceu alguns séculos antes. Os ideais de Juvenal de *mens sana in corpore sano*, os significativos avanços na filosofia e a modelar democracia grega aproximaram muito uma gama especial de homens da antigüidade ao Fluminense. Os eventos que se seguiram na História da Humanidade, contudo, disseminaram um onipresente pavor de padecer eternamente no rubro crepitar das flamas do inferno e mergulharam o mundo em negras trevas. Esses fatos impediram que os ideais fluminenses aflorassem em uma instituição de homens de bem.



O Fluminense, pelos valores que representa, poderia — argumentariam alguns — ter sido fundado em qualquer parte do planeta. Assim seria caso a Instituição Centenária não estivesse destinada a ser a jóia da coroa da única cidade da Terra escolhida para ser Maravilhosa. Não por acaso tem o Tricolor o nome de Fluminense, como veremos a seguir.



No alto, ao fundo, a primeira sede em 1903. O terreno da chácara já está aplainado e demarcado para o posicionamento da arquibancada, que seria erguida em 1905.

Victor François Etchegaray, um dos fundadores e primeiro capitão do time, função que exerceu por quase dez anos.



FINAL DO SÉCULO XIX NO RIO DE JANEIRO

Na Cidade Maravilhosa, as condições necessárias para o nascimento do Fluminense demoraram a surgir. Apenas com a abolição da escravatura e a proclamação da República, os corações e mentes da sociedade guanabarina começaram a se arejar.

Trata-se de momento histórico interessante. Na Europa, os efeitos deletérios da Revolução Industrial começavam a se fazer sentir com a urbanização desordenada das cidades e a conseqüente queda na qualidade de vida. Na Alemanha e na Inglaterra, movimentos sociais radicais pregavam a "volta aos campos". Em um meio-termo entre a fuligem negra das chaminés das fábricas e o idealismo irreal dos que defendiam a volta à natureza surgiam grupos com propostas e ideais que, conquanto nobres, eram mais pragmáticos.

Entre esses pensadores da modernidade focados na qualidade de vida sobressaía o Barão de Coubertin. Multimilionário, o fidalgo francês gastou sua vida a propagandear os benefícios do exercício corpóreo para a saúde humana. Sua luta centrou-se inicialmente na introdução

A sociedade carioca sempre marcou presença nos eventos do Fluminense. A imagem abaixo é de 1910.

Rua Guanabara, esquina com Rua do Roso, ao longo da qual ficavam as gerais de madeira.



da educação física nas escolas secundárias. A princípio, suas idéias foram rejeitadas em seu país natal, mas na Inglaterra e Alemanha elas logo conquistaram adeptos e, desses países, ganharam o resto da Europa e do mundo.



Do sucesso da educação física à criação de federações de esportes competitivos foi um pequeno passo. Em breve, já havia um grande movimento mundial para reviver, nos tempos modernos, os Jogos Olímpicos da Grécia clássica, que acabariam por se realizar pela primeira vez em 1896, em Atenas.

No Brasil, esses ventos demoraram a soprar com a mesma intensidade. As elites urbanas ainda detinham menos poder que suas contrapartes agrárias e havia no país um verdadeiro repúdio cultural aos exercícios físicos. Historicamente acostumada a relegar qualquer trabalho que envolvesse esforço aos escravos, a classe dirigente do Brasil não achava apropriado para um cavalheiro exercer atividades ou ofícios braçais.

Ainda em 1852, na inauguração das obras da primeira ferrovia brasileira, o futuro Barão de Mauá causara furor aos grandes homens do Império ao fazer D. Pedro II cavar (com uma pá de prata) um pequeno buraco na terra e, depois, empurrar um carrinho de mão por alguns metros. Mauá tencionava com o ato demonstrar simbolicamente a importância do trabalho no desenvolvimento de uma nação. Apenas causou indignação.

Essa mentalidade ainda ficaria em vigor durante muitas gerações, como bem exprimiria João do Rio décadas mais tarde ao afirmar que fazer esportes no Rio era um ato de rebeldia que desagradava às mães: "Rapaz sem discutir a literatura dos outros, sem freqüentar a academia, era um homem estragado."

Aos poucos, contudo, os valores defendidos por Coubertin começaram a chegar ao Brasil, primeiramente por meio do turfe. Não havia aí uma contradição entre sociedade e esporte — nos páreos, os capitalistas eram os proprietários dos animais e também compunham a platéia. O trabalho suarento era feito pelos cavalos e pelo jóquei, que era estrangeiro ou pertencente às classes populares. Em seguida, aportou no país o remo, que, impulsionado por intelectuais brasileiros influenciados pelos movimentos socioculturais europeus, passou a freqüentar as páginas dos jornais da Guanabara a partir de 1875. As instituições de remo apropriaram-se do discurso coubertiniano e incorporaram ao ideário das agremiações de remadores a função de centros de educação física.

O entusiasmo dos literatos, entre os quais Arthur de Azevedo e Raul Pompéia, contribuiu para que a alta sociedade aceitasse melhor a introdução nos seus hábitos de uma



atividade física. Tratava-se, também, de aproximar o Brasil dos costumes de "países mais civilizados", em especial a França. Olavo Bilac foi um dos mais ferrenhos defensores do remo e, sempre que pôde, comparou a saúde dos jovens remadores ao estado decrépito da geração de seus genitores.

A partir de 1880, vários clubes foram fundados e o esporte ganhou popularidade. Em domingos de regata, em prenúncio dos grandes clássicos de futebol, a Enseada de Botafogo começava a ver-se às voltas com bondes superlotados, trânsito engarrafado e falta de vagas para as carruagens. À medida que o esporte foi associado à boa saúde e à alegria de viver, sua aceitação aumentava. Após a proclamação da República e, sobretudo, depois que Pereira Passos foi nomeado prefeito do Rio, o remo ganhou contornos de ícone de uma benfazeja mudança de hábitos na sociedade brasileira.

Pereira Passos revolucionou a cidade, abrindo a Avenida Central — atual Rio Branco — e construindo o porto do Rio. Para realizar suas obras, espelhou-se em Paris. Era seu intuito transformar o Rio, substituindo a acanhada capital da Colônia por uma esplendorosa metrópole, no melhor estilo europeu. No campo dos esportes, ele investiu dinheiro público no remo e emprestou seu prestígio pessoal às regatas, fazendo-se presente na platéia para onde, não raro, rebocava também o Presidente da República. As obras de

Pereira Passos e a crescente industrialização da cidade do Rio de Janeiro com capitais oriundos do *boom* do café trouxeram por essa época um significativo contingente de engenheiros e projetistas ingleses. Esses recém-chegados sentiam-se pouco à vontade na sociedade carioca, marcadamente francófila. Tomaram a cidade de assalto, entretanto.

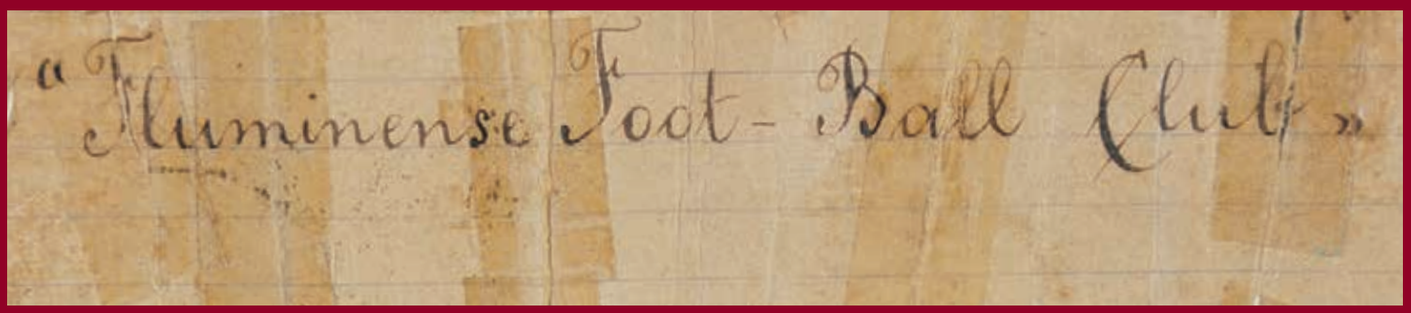
Se a supremacia cultural francesa era inegável, era impossível competir com a força do capital e da tecnologia britânicos. Lima Barreto, com seu texto mordaz, chegaria a escrever que era fundamental aprender a falar inglês, "instrumento próprio para realizar (...) altos trabalhos". Havia na cidade um clima de enfrentamento sem paralelo na História. Exacerbava-se a divisão da sociedade. O fulcro da discórdia nasceu no modelo de governo. A velha antipatia mútua nutrida por monarquistas *vis-à-vis* os republicanos contaminou as áreas cultural e social. Os três primeiros governos pós-1889 foram marcados por vasta gama de despropositados e sanguinolentos conflitos armados.

Nesse momento de formação da identidade do cidadão do Rio de Janeiro moderno, tão bem representado na metáfora machadiana *Esaú e Jacó*, chegou o futebol aos campos da Guanabara. Naturalmente, ele não nos veio pelas mãos dos clubes de regatas, tão ocupados em impulsionar os remos...

Panorâmica do campo e da segunda sede do Fluminense. À direita, as palmeiras da Rua Paysandu e, ao fundo, a Baía de Guanabara.

Primeira arquibancada social do Fluminense, construída em madeira, com recursos doados pela família Guinle.





O FUTEBOL CHEGA AO RIO DE JANEIRO

No final do século XIX, pisam em solo fluminense os irmãos Oscar e Edwin Cox. Estavam de volta de Lausanne, na Suíça, onde haviam ido estudar. Traziam as cabeças fervilhantes de idéias sobre a importância do esporte para o desenvolvimento do corpo. A Suíça era um dos grandes centros de difusão do olimpismo. Alguns anos mais tarde, Lausanne seria escolhida para quartel-general do próprio Comitê Olímpico Internacional, e outra cidade do país, Zurique, para sediar a FIFA. O futebol, por sinal, era forte na Suíça na época em que os irmãos Cox por lá andaram estudando. Sua federação já estava estruturada desde 1895.

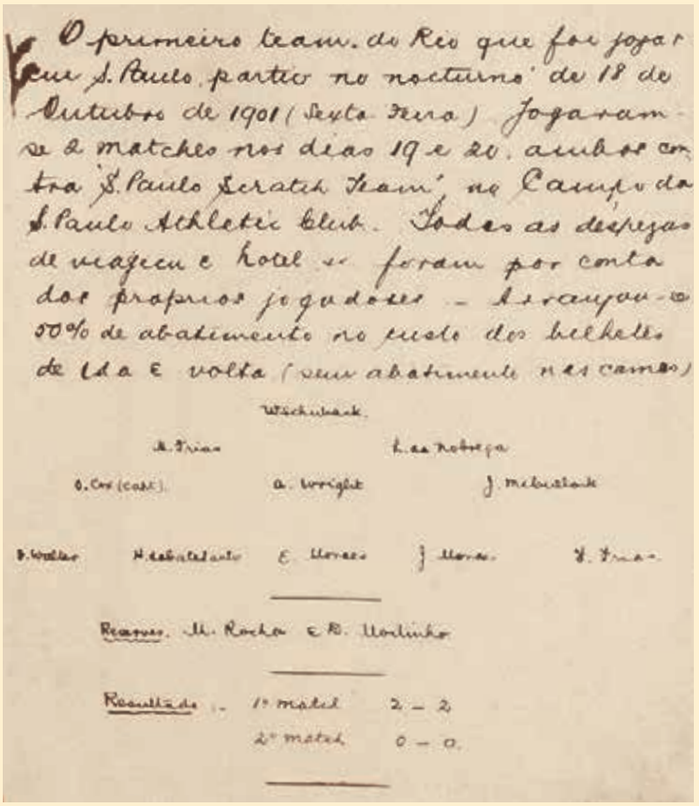
Os Cox vieram com o firme propósito de implantar aqui o futebol. Mas, se o remo já se fixara em nossas praias, o esporte bretão ainda era muito vanguarda para aqueles tempos. No princípio não se encontrava sequer uma bola com que se pudesse organizar uma partida. Esse problema os Cox resolveram, incentivados pelo pai — ele mesmo tendo sido o fundador do Rio Cricket & Athletic Association. Mandou-se buscar uma Mac Gregor n° 6 na Europa.

Ainda assim houve imensa dificuldade em entusiasmar os brasileiros. Não restou alternativa aos irmãos Cox senão buscar apoio na comunidade britânica do Rio de Janeiro, então já organizada principalmente em torno de duas agremiações voltadas para o tênis e o críquete, o Paysandu e o Rio Cricket, este último sediado em Niterói. Somente então, após três anos de esforços, foi possível organizar alguns jogos de ingleses contra brasileiros. Oscar Cox animou-se com o sucesso. Estava determinado a fazer o jogo deslanchar na capital da jovem República brasileira. Por meio de Antônio Costa, seu colega do colégio de La Ville na Suíça, contactou Charles Miller em São Paulo. Como Cox, Miller, o introdutor do futebol no Brasil, era descendente de ingleses e apaixonado pelo esporte. Tinha sido um pouco mais bem-sucedido, contudo, e no raiar do século XX o futebol já era jogado regularmente no planalto paulista.

Os fluminenses viajaram de trem para São Paulo em 18 de outubro de 1901 e, nos dois dias seguintes, alinharam-se para enfrentar os paulistas, arrancando dois empates, em 2 x 2 e 0 x 0, o que, na época, foi considerado um feito surpreendente.

Também na Paulicéia o futebol dependia dos ingleses para sobreviver e esse primeiro Rio-São Paulo ficou marcado pelo sotaque britânico. Os

Anotações de Oscar Cox a respeito do primeiro jogo interestadual entre cariocas e paulistas.


O primeiro team. do Rio que foi jogar em S. Paulo partio no nocturno de 18 de Outubro de 1901 (Sexta Feira) Jogaram-se 2 matches nos dias 19 e 20. ambos contra S. Paulo Scratch Team, no Campo do S. Paulo Athletic Club. Todas as despezas de viagem e hotel [illegible] foram por conta dos proprios jogadores - Obtivemos 50% de abatimento no custo dos bilhetes de Ida e volta (sem abatimento nas camas)

Wichuback.

A. Frias — L. de Nobrega

O. Cox (Capt.) — A. Wright — J. Miller

[illegible] — [illegible] — E. Moraes — J. Mor[illegible] — [illegible]

Referee. M. Rocha e R. Monteiro

Resultado: 1º match 2 – 2

2º match 0 – 0.

Delegação do Rio de Janeiro na volta de São Paulo, em 21/10/1901: 1. Louis Senin, 2. Anthony de S. Queiroz, 3. sem identificação, 4. Louis de Nobrega, 5. Mario Rocha, 6. A. R. Wright, 7. s/i, 8. Francis H. Walter, 9. Horacio da C. Santos, 10. João José de Macêdo, 11. Mario Frias, 12. s/i, 13. Julio Villa-Real, 14. Oscar Nobling, 15. George Cox, 16. Ibanez Salles, 17. Walter Schuback, 18. Oscar Cox, 19. Walter Jeffreys, 20. Felix Frias, 21. Julio de Moraes, 22. s/i, 23. Charles Miller, 24. Eurico de Moraes, 25. Antonio Savoy, 26. Antonio C. da Costa.



jogos foram anunciados oficialmente como pelejas do "Rio Team *versus* São Paulo Scratch". Posteriormente, no jantar oferecido pelos anfitriões, foram erguidos brindes a Sua Majestade o Rei Eduardo VII da Grã-Bretanha.

O resultado da excursão da primeira Seleção Carioca foi animador para o Rio e deu mais fôlego aos planos dos irmãos Cox, que marcaram uma reunião para 30 de novembro daquele ano com o firme propósito de fundar o Rio Football Club. Mas no encontro não foi possível chegar a um acordo e a idéia ficou para depois.

Em julho de 1902, os cariocas voltaram à capital paulista para mais um par de jogos e, dessa vez, entusiasmados com o exemplo de São Paulo, onde já estava em curso um campeonato, voltaram determinados a dar corpo a um time no Rio de Janeiro.



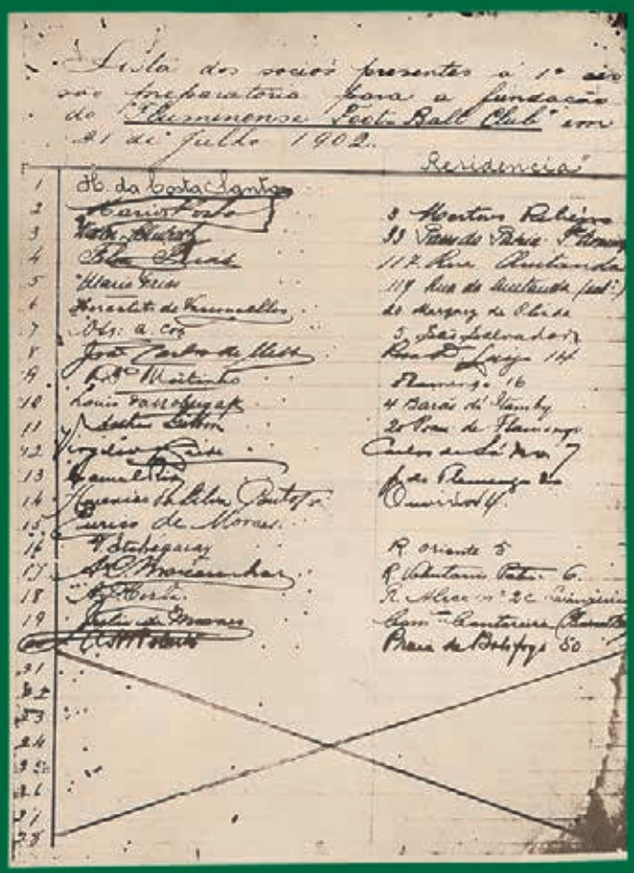
Jogadores que representaram o Rio de Janeiro, na primeira partida contra os paulistas, em 19/10/1901. Em pé, Mario Frias, Walter Schuback e Louis da Nóbrega; agachados, Oscar Cox, A. Wright e J. McCulloch; sentados, Francis Walter, Horácio da Costa Santos, Eurico de Moraes, Júlio de Moraes e Félix Frias.



Convite para a reunião na primeira tentativa de fundação do clube que se chamaria Rio Foot-Ball Club, em novembro de 1901. Assinado por Mario Frias, Cawood Robinson e Oscar Alfredo Cox.



Convite para a reunião de fundação do Fluminense Football Club, postado em 21/7/1902.



Lista de presença na reunião de fundação do Fluminense Football Club, em 21/7/1902.



A GÊNESE DO FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

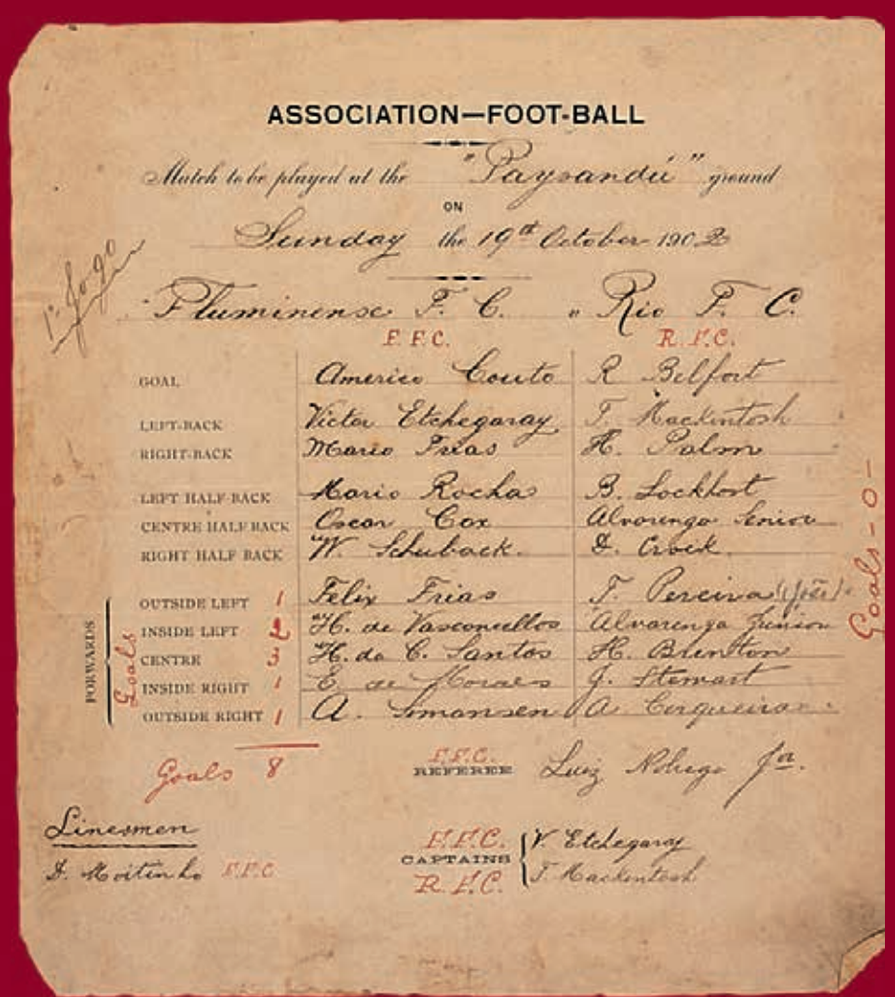
Oscar Cox liderou então novo encontro na casa de Horácio da Costa Santos, na Rua Marquês de Abrantes, 51, em 21 de julho de 1902. Além de Horácio e Oscar Cox, compareceram 18 jovens das melhores famílias cariocas: Mário Rocha, Walter Schuback, Félix Frias, Mário Frias, Heráclito de Vasconcellos, João Carlos de Mello, Domingos Moitinho, Louis da Nóbrega Júnior, Arthur Gibbons, Virgílio Leite, Manoel Rios, Américo da Silva Couto, Eurico de Moraes, Victor Etchegaray, Anselmo Mascarenhas, Álvaro Drolhe da Costa, Júlio de Moraes e A. Roberts, a maioria residente nas Laranjeiras e bairros próximos. O encontro resultou na fundação do Fluminense Football Club e Oscar Cox foi aclamado seu primeiro presidente. Para comemorar o feito histórico, os fundadores do Clube foram banquetear-se com uma lauta refeição regada a muito vinho e champanhe no hoje também centenário restaurante Lamas.

Na época, o comum era dar aos clubes o nome do lugar de sua origem. O futebol de São Paulo era representado pelo São Paulo Athletic e pelo Paulistano. No Rio, o remo tinha o Guanabara, o Botafogo e o Flamengo; no críquete havia o Rio e o Paysandu, este por conta da rua onde estava situado. Cox queria que o nome da primeira equipe de futebol carioca homenageasse toda a Cidade Maravilhosa. Sua preferência era por Rio Football Club, mas, nove dias antes, outro grupo, sabedor das intenções de Cox, se antecipara e dera esse nome a uma equipe que teve vida curta. A segunda opção foi homenagear os nascidos na cidade do Rio de Janeiro. Naquela época, ainda não se usava correntemente o termo carioca. Chamavam-se fluminenses os naturais da Guanabara. Os exemplos são diversos: havia no Rio um Prado Fluminense, um Derby Fluminense, um Jockey Club Fluminense, um Club Athletico Fluminense, um Cassino Fluminense e mesmo um Club de Regatas Fluminense. Paulo Coelho Netto relata que, no primeiro jogo entre cariocas e paulistas, em 1901, o matutino *O Estado de São Paulo* tratou os jogadores do Rio por fluminenses. Aliás, acertou na mosca o jornal, já que nove dos jogadores daquela que foi a primeira Seleção Carioca acabariam por ser atletas do Tricolor. Como explicado anteriormente, mesmo antes de tomar corpo como instituição, o Fluminense já existia — e já era a base de uma seleção!

Logo se seguiram mais duas reuniões, uma vez que muitos dos interessados, entre eles o próprio Edwin Cox, não



Primeira bandeira do Fluminense Football Club, com as cores originais, cinza e branca, e escudo com monograma em vermelho.



ASSOCIATION—FOOT-BALL

Match to be played at the "Paysandú" ground
ON
Sunday the 19th October 1902

1º Jogo

Fluminense F. C. v Rio F. C.

	F.F.C.	R.F.C.
GOAL	Americo Couto	R. Belfort
LEFT-BACK	Victor Etchegaray	J. Mackintosh
RIGHT-BACK	Mario Frias	H. Polson
LEFT HALF BACK	Mario Rocha	B. Lockhart
CENTRE HALF BACK	Oscar Cox	Alvarenga Junior
RIGHT HALF BACK	W. Schubach	E. Crook
FORWARDS — OUTSIDE LEFT	Felix Frias	J. Pereira (José)
FORWARDS — INSIDE LEFT	H. de Vasconcellos	Alvarenga Junior
FORWARDS — CENTRE	H. da C. Santos	H. Blenkorn
FORWARDS — INSIDE RIGHT	E. de Moraes	J. Stewart
FORWARDS — OUTSIDE RIGHT	A. Simonsen	A. Cerqueira

Goals 1 2 3 1 1

Goals 8

Goals - 0 -

F.F.C. REFEREE Luiz Aranha Jr.

Linesmen
J. Martinho F.F.C.

F.F.C. CAPTAINS V. Etchegaray
R.F.C. J. Mackintosh

Súmula do primeiro jogo do Fluminense, redigida em inglês, datada de 19/10/1902: Fluminense 8 x 0 Rio Foot-Ball Club, no campo do Paysandu. Gols de: Félix Frias (1), Heráclito de Vasconcellos (2), Horácio da Costa Santos (3), Eurico de Moraes (1) e Adolpho Simonsen (1).

puderam estar presentes no dia da fundação. Em menos de quatro meses, já eram 55 os sócios. Entre os novos membros estavam os irmãos Guinle, que nos anos seguintes dariam uma contribuição inestimável ao Fluminense.

Estava formado um novo clube para jogar um novo esporte, por uma nova elite. Diferentemente das agremiações de remo, críquete e turfe, o Fluminense não congregava em torno de si a aristocracia agrária ou aquela oriunda da burocracia do Império. Tampouco era, como outros, um clube exclusivo de imigrantes europeus. Embora seu motor tenha sido Oscar Cox, um anglo-brasileiro, o Fluminense desde o princípio formou-se em torno de industriais, literatos, historiadores e profissionais liberais. Era um novo conceito de elite, não mais baseado na posse da terra, mas no arrojo dos empreendimentos e no apuro da cultura, do intelecto e das maneiras.

Sócios e alguns dos fundadores do Fluminense em frente à arquibancada social. Em pé: Félix Frias, E. V. de Carvalho, Edgard Gulden, Álvaro Drolhe da Costa, Victor Etchegaray e Atahualpa Guimarães. Sentados: Virgílio Leite, Oscar Cox, João Lopes Chaves e Horácio da Costa Santos.





O UNIFORME E A SEDE

Restava resolver os problemas do uniforme e do campo. Para o primeiro, foi escolhida uma camisa cinza e branca, dividida em dois gomos verticais. O modelo adotado era então comum, variando-se somente as cores. Por ocasião da fundação do Fluminense, várias equipes da Inglaterra — onde eram adquiridos os uniformes dos times brasileiros — usavam esse tipo de camisa. O Hampshire, o Banister Court, onde jogou Charles Miller, e o Southampton, importantes times ingleses do início do século XX, são alguns exemplos. A própria Seleção Paulista enfrentara o Rio, em 1901, envergando um uniforme nesse mesmo estilo. No Rio de Janeiro, o Paysandu seria campeão carioca em 1912 com uma camisa nos mesmos moldes do primitivo uniforme do Fluminense.

Quanto ao campo, inicialmente foi tentado um terreno baldio na Rua Dona Mariana, em Botafogo, mas não foi possível chegar a um acordo com o proprietário. A segunda opção foi uma chácara na Rua Guanabara, atual Pinheiro Machado, local acessível para a maioria dos sócios.

A localização do terreno, com certeza, teria muito a ver com a fama de clube da elite que o Fluminense passaria a ostentar desde então. Era o bairro na época a região preferida para moradia das novas elites do país. A antiga aristocracia, ligada ao Império e ao capital financeiro e agrário, ainda residia em vastas chácaras na Tijuca, Andaraí e São Cristóvão. O Vale do Rio Carioca desde o Largo do Machado até o Cosme Velho, a partir de meados do século XIX, começara a atrair as elites liberais, antenadas com o



abolicionismo, a industrialização e os ideais igualitários republicanos.

O bairro era, na época, um canto esquecido e bucólico da cidade.

Sem se sonhar ainda com os Túneis Rebouças e Santa Bárbara e anteriormente ao corte na pedreira do Morro Mundo Novo, que daria origem à ligação com a Praia de Botafogo, Laranjeiras não era o bairro de passagem que é hoje.
Ao contrário, era o destino final dos viajantes, quase todos moradores e, com freqüência, de boa cepa.

Vizinho ao campo alugado pelo Fluminense estava o Paço Isabel — atual Palácio Guanabara —, antiga residência da Princesa Isabel e do Conde d'Eu — àquela altura ocupado por uma unidade do Exército.
Também próximo ao Clube, poucos anos mais tarde a família Guinle construiria o majestoso Palácio Laranjeiras. Um pouco abaixo, na Rua do Catete, estava o Palácio Nova Friburgo, posteriormente denominado Palácio do Catete, que por anos a fio serviria à Presidência da República. Era inegável que na morada do Fluminense o cheiro da folha da laranja misturava-se ao fragor dos perfumes franceses da aristocracia. Desde meados do século XIX, as pequenas fazendas de café do Vale do Rio Carioca haviam sido loteadas para dar lugar a luxuosas chácaras e palacetes.
Mais próximo da virada para o século XX, nas Laranjeiras fixaram residência os personagens da vanguarda intelectual da República brasileira. Gente não necessariamente rica, mas antenada às mudanças do novo século. Lá, entre outros, tomariam moradia o escritor Machado de Assis, o engenheiro Paulo de Frontin, o Prefeito Pereira Passos, a família do jurista Sobral Pinto e a família do arquiteto Oscar Niemeyer. Este último, ainda menino, chutaria suas bolas no gramado do Tricolor.



De fato, o Vale do Rio Carioca estava à frente de seu tempo. Ali misturavam-se de forma pioneira ricos e pobres, em uma experiência que acabaria por transbordar para o resto da cidade.
No Baixo Laranjeiras, os anglo-brasileiros do Fluminense ensaiavam na Rua Guanabara os primeiros passos de um esporte malvisto pela maioria. Paralelamente, um pouco mais acima, a área que desde o tempo de D. Pedro I abrigara importantes quilombos dava sua contribuição ao samba. Havia, na atual Rua General Glicério, a fábrica de tecidos Aliança, que por aqueles tempos originou uma série de blocos



Primeira camisa do Fluminense nas cores originais do Clube: cinza e branca. Foi usada entre 1902 e 1904.

O time com o seu primeiro uniforme, em 11/6/1903, no campo do Rio Cricket, em Niterói. O jogo foi descrito como sendo entre Brasil e Inglaterra. Brasil: em pé, Mário Rocha, Walter Schuback, s/i, Max Naegeli, s/i e Domingos Moitinho; sentados, Oscar Cox, Emile Etchegaray, Victor Etchegaray, Américo Couto e Louis da Nóbrega; no chão, Horácio da Costa Santos, Edwin Cox e Heráclito de Vasconcellos.



Segunda sede do Fluminense, 1905.



carnavalescos. Um deles, o Rancho Arrepiados, conquistou desde cedo o menino Cartola, morador das vizinhanças e tricolor apaixonado. Cartola e o Fluminense têm muito em comum, seja por partilharem o mesmo apelido, comungarem a obsessão pela qualidade ou por ambos preferirem a tripla combinação das tonalidades alvi-verde-encarnadas. Dizem mesmo que a Mangueira é verde e rosa pela vontade de Cartola em homenagear as cores do Arrepiados.

Por outro lado, há uma versão anônima que assegura que Cartola queria ver sua escola de samba desfilando com colorido semelhante ao do seu time de coração. O argumento teria sido difícil de defender frente a mangueirenses torcedores de outros clubes. O mestre então, para reforçar a retórica, teria se valido das cores do Arrepiados. Caso a segunda versão não seja a verdadeira, vale a pena evocar Nelson Rodrigues: "Os fatos (às vezes) são burros."

A fábrica Aliança mudara o perfil conservador do bairro sem, no entanto, retirar seu charme aristocrático. Por ocasião da instalação do Fluminense nas Laranjeiras, seus arredores pululavam de botequins, armazéns e pequenos restaurantes para atender a classe operária. Havia até na esquina da Rua Ipiranga, a cerca de duzentos metros da sede do Clube, uma freqüentadíssima arena de touradas.

Um pouco mais abaixo, no Largo do Machado, as noitadas eram regra, havendo opções para as diversas tribos. De um lado, o Club Laranjeiras servia de ponto de encontro para os amantes dos recitais e concertos de música erudita; do outro, o restaurante Lamas atraía toda espécie de boêmio e notívago. Este último era, desde o Império, um ponto de referência na noite fluminense, sendo famoso por jamais fechar suas portas. No Lamas reuniam-se até altas horas da noite os literatos, os jornalistas e os jovens intelectuais a consertar o Brasil entre goles de chope. Após a fundação do Fluminense, um novo tipo de comensal será regularmente visto no Lamas: o jogador de futebol. A crônica de Abreu Sodré, publicada em 1918, ano em que o Flu conquistaria o bicampeonato carioca, é deliciosa: "Em torno às dezenas de mesinhas de mármores sujos, todos rabiscados em versos e caricaturas, ali espalhados, reúnem-se grupos enormes numa palestra animada e cheia de alegria, as mais diversas e extravagantes.

Aqui são os *footballers* que discutem com entusiasmo a mania da época: os *teams* e os *scratches* e, não raro, terminam sempre em pequenas brigas de meia dúzia de socos..."

Laranjeiras era um pouco a síntese de uma cidade em metamorfose. A metamorfose política imposta por uma república que só agora com o governo civil começava a se aprumar; a metamorfose urbanística impressa por um prefeito capaz de arrasar morros, aterrar mares, derrubar casas e rasgar avenidas para edificar uma capital européia no Brasil, e a metamorfose sociocultural de uma metrópole que principiava a vivenciar a *belle époque*.

Interessante é observar como a história desse bairro, a do Clube que ali se estabeleceu em 1902 e o destino da própria cidade do Rio de Janeiro caminhariam absolutamente entrelaçados nos cem anos subseqüentes.

Assim, parece ser um pouco mais do que mera e inocente coincidência etimológica o fato de que o Clube

Jaqueta tricolor usada por Horácio da Costa Santos, 1905.

Programação do Fluminense para o ano de 1905.

Presidente da República, Rodrigues Alves - de cartola, ao centro -, em 16/7/1905, em visita à sede do Fluminense.





que escolhera ostentar o nome Fluminense acabasse por ter seu campo na Rua Guanabara, em pleno Vale do Rio Carioca.

O aluguel do terreno consumou-se na assembléia-geral do Clube em 17 de outubro de 1902. Os dois meses seguintes foram dedicados à nivelação do campo, que era muito irregular. Para manter a grama bem aparada, o Fluminense adquiriu um burro, Faísca, e uma moderna máquina de aparar grama, que mandou vir da Inglaterra. Faísca cumpriu anos a fio sua tarefa diária calçando luvas nas patas, para não danificar o relvado.

Escassos dois dias depois da assembléia que decidiu o aluguel do terreno, o Fluminense jogou futebol pela primeira vez. Naturalmente, não havia sido possível preparar seu próprio campo e a partida foi disputada no campo do Paysandu Cricket Club, convenientemente localizado do outro lado da Rua Guanabara. A estréia foi contra o time que roubara ao Fluminense sua primeira escolha de nome, o Rio Foot-Ball Club. Enraivecido, implacável, o Flu não perdoou os usurpadores, aplicando-lhes um acachapante 8 x 0. Os anos seguintes, sem que houvesse ainda um campeonato organizado no

Excursão a São Paulo, onde o Fluminense disputou cinco partidas, no Velódromo, entre os dias 4 e 8 de setembro de 1904, contra os times do Germania, Mackenzie, Paulistano, Internacional e São Paulo Athletic. O time do Fluminense aparece ao centro: Turner, Wright, Victor Etchegaray, Emile Etchegaray, Gulden e Tate; Mutzenbecher, Hime, Edwin Cox, Heráclito de Vasconcellos e Félix Frias.

Vista do campo e da segunda sede, tendo ao fundo o Morro Dona Marta e o Corcovado, ainda sem o Cristo Redentor.





Rio de Janeiro, foram dedicados a amistosos. Em 1903, o Fluminense foi a São Paulo e voltou invicto: 0 x 0 contra o Internacional, 2 x 1 no Paulistano e 3 x 0 no campeão paulista daquele ano, o São Paulo Athletic, de Charles Miller.

O sucesso do Fluminense, embalado pela rivalidade entre as duas maiores cidades do Brasil, atraiu muita gente para a revanche do ano seguinte, quando foi inaugurado oficialmente o campo de jogo das Laranjeiras. A procura por ingressos para torcer pelo Fluminense contra o Paulistano foi tanta que se fez necessário construir arquibancadas. Para assistir à partida, 996 torcedores se acotovelaram nas novas dependências.

Para escritores como Lima Barreto, o futebol ainda era "o bárbaro e violento esporte bretão". Para o grande público, o Fluminense mostrava que a realidade era um pouco mais colorida que a opinião do romancista. O remo ainda era o esporte mais popular, mas o futebol, em que a técnica apurada e a estratégia do conjunto eram mais importantes que a força bruta, começava a conquistar seus adeptos. Em 1904, um dos maiores literatos brasileiros, Coelho Netto, mudou-se com os filhos para a Rua do Roso, que após sua morte passaria a levar seu nome. Tendo a vista do campo do Fluminense da janela de casa, os filhos do escritor logo meteram-se a freqüentar o Clube e a trocar seus passes por entre as pernas enluvadas de Faísca. Conseqüentemente, Coelho Netto passou a ver com olhos



simpáticos o futebol e foi o primeiro grande intelectual a defendê-lo publicamente. Mais tarde, o escritor se tornaria sócio do Clube e um de seus mais ardorosos torcedores.

Ainda nesse mesmo ano, o debate em torno das cores do uniforme polarizou-se. Decerto, o cinza combinava com os céus de São Paulo, onde o Fluminense ia jogar com freqüência, mas destoava da alegria e descontração da capital da República. Desde 1903, diversos sócios se manifestavam com vigor contra o cinza e branco do Flu. E antes que houvesse planos concretos de mudar as cores da equipe, o destino acabaria por solucionar o impasse. Oscar Cox e Mário Rocha, ao viajarem a Londres, não conseguiram encontrar nas casas de esporte o uniforme antigo. Propuseram, então, por carta, substituí-lo por uma camisa tricolor de lã, com mangas compridas, nas cores grená, branca e verde, o que foi autorizado, com certa dose de alívio, pela assembléia-geral do Clube em 15 de julho de 1904.

Dois anos após sua fundação, o Fluminense virava tricolor.
O time crescia e começava a se ressentir de uma melhor infra-estrutura. Apesar de já ser visível que o futebol começava a rivalizar com o remo no gosto do público, seu prestígio junto às autoridades estava longe de ser comparável. Pereira Passos erguera poucos anos antes, às custas da Prefeitura, o estádio de remo da Enseada de Botafogo. O futebol, em contraste, não conseguia sequer descontos no noturno paulista, quando ia jogar na terra da garoa.

Com tantos Guinle no Fluminense, em 1905, o patriarca Eduardo, que a essa altura comprara o campo de treino do Clube, antes pertencente ao Banco da República, resolveu investir em infra-estrutura. Mandou construir às suas expensas uma bela arquibancada nova. Também foi erguido um prédio para servir de sede. Nessas novas instalações, e agora envergando o uniforme tricolor, o Flu foi ovacionado pelo público recorde de 2.500 torcedores. Até o Presidente Rodrigues Alves compareceu às Laranjeiras para ver o amistoso contra o Paulistano.



OS PRIMEIROS TÍTULOS

Já tínhamos time, uniforme, campo, sede, torcida e, com a fundação de Botafogo, América e Bangu, até adversários de respeito em número suficiente. Faltava-nos um campeonato para disputar.

Oscar Cox e Victor Etchegaray passaram o ano de 1905 tentando organizar uma Liga Carioca de Futebol. O esforço rendeu frutos. Já em 1906 realizou-se o primeiro torneio da cidade e a partida de estréia foi jogada no campo do Fluminense, com a esmagadora vitória do Tricolor sobre os ingleses do Paysandu por 7 x 1. O primeiro gol em campeonatos cariocas foi anotado por um tricolor. Nada menos que o dono da casa onde o Clube fora fundado quatro anos antes, Horácio da Costa Santos, mais tarde atleta brilhante do Fluminense, campeão em 1906, 08 e 09.

Nesse campeonato pioneiro, o Flu derrotou duas equipes até hoje tradicionais no futebol carioca. Goleou o Botafogo por 8 x 0 e 6 x 0 e venceu o Bangu por 4 x 0 e 2 x 0. Ao final, como não podia deixar de ser, Fluminense campeão carioca de futebol. Também foi o último ano em que jogamos com o velho uniforme tricolor trazido por Cox: uma desconfortável camisa de abotoar, com gola e listras brancas muito finas. Acompanhava boné tricolor. O escudo era de difícil afixação e vivia caindo. Um problema que persistiria ainda por muitos anos.

Ainda em meados de 1906 um grande jogador paulista, Gabriel de Carvalho, mudava-se para o Rio disposto a vir defender o Fluminense, mas, antes que ele fosse às Laranjeiras, foi aliciado por dirigentes do América e mudou seu destino. Era em uma época em que a palavra empenhada estava acima de

A Taça Colombo, em prata inglesa e pedras preciosas, foi instituída em 1908. Sua posse definitiva foi assegurada pelo Fluminense com a conquista do tricampeonato de 1917/18/19.



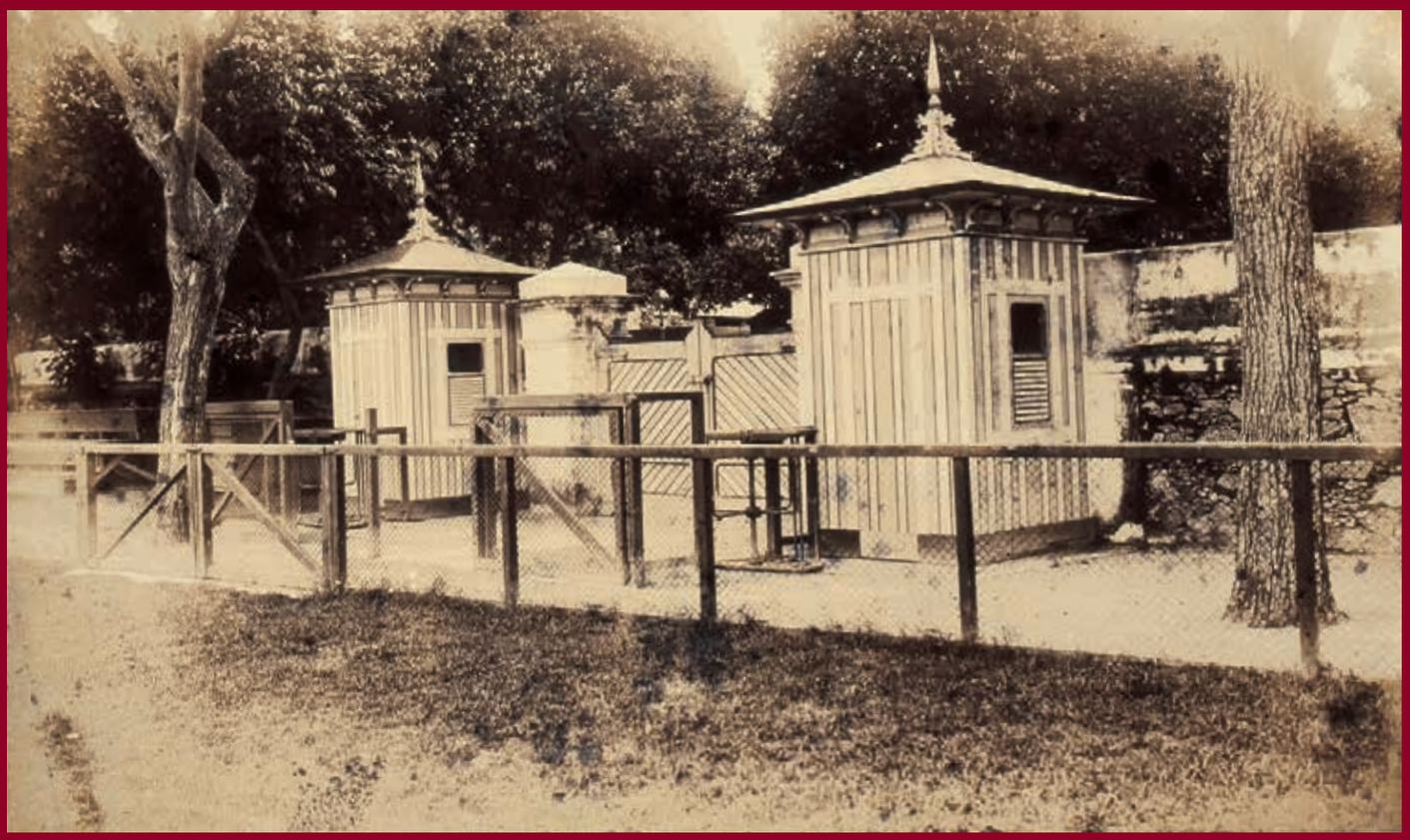
qualquer suspeita, mormente no futebol, de tradições tão inglesas, onde ainda se chamava o goleiro de *keeper*, o juiz de *referee* e o campo de *field*. A atitude do América desgostou os tricolores e iniciou uma rivalidade entre os dois clubes que marcaria as décadas subseqüentes.

No ano seguinte, o Flu foi bicampeão com um uniforme parecido com o do River Plate da Argentina, camisa branca com faixa tricolor em diagonal, mas o título foi controverso. Ao final do torneio, Fluminense e Botafogo, ambos com cinco vitórias e uma derrota, achavam-se empatados na liderança. Em caso de empate, o regulamento dizia que o campeão seria o time com melhor saldo de gols, no caso o Fluminense, como pode ser percebido pelas campanhas das duas equipes:

FLUMINENSE *versus*
Internacional (6 x 2 e W.O.); Botafogo (3 x 0 e 2 x 4), e Paysandu (3 x 1 e 2 x 0).
Gols pró: 16. Gols contra: 7. Saldo de gols: 9.
BOTAFOGO *versus*
Internacional (2 x 0 e W.O.);
Fluminense (0 x 3 e 4 x 2), e Paysandu (5 x 3 e 3 x 1)
Gols pró: 14. Gols contra: 9. Saldo de gols: 5.

O Botafogo se recusou, entretanto, a reconhecer o título tricolor, alegando que o critério do saldo de gols ficara prejudicado pelo fato de nenhuma das duas equipes ter enfrentado o Internacional no segundo turno. Pleiteava um jogo extra contra o Fluminense, que, por uma questão de princípios e respeito ao regulamento, recusou-se. O título ficou em suspenso até 1996, quando foi oficialmente dividido entre os dois clubes. Com essa decisão da Federação





Bilheterias do Fluminense Football Club, vistas de dentro do campo.

Os campeões de 1906: em pé, Francis Walter, João Carlos de Mello, Numa de Oliveira, Oscar Cox, A. W. Waterman, Walter Salmond e Victor Etchegaray; sentados, Albert Victor Buchan, Horácio da Costa Santos, Edwin Cox, Félix Frias e Emile Etchegaray; embaixo, Joaquim Araújo, Oswaldo Gomes e Edgard Gulden.

Carioca, confirmada pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva, o Fluminense finalmente legitimou o tetracampeonato carioca de futebol que já havia conquistado no campo.

Para piorar o clima de desconforto em torno do campeonato, o América aprontou mais uma. Dessa vez o aliciado foi Belfort Duarte, outro recém-chegado de São Paulo com vistas a atuar pelo Fluminense, que, na virada do ano, foi "convencido" a mudar de destino e filiar-se à agremiação da Rua Campos Salles. Com o impasse em torno do campeão de 1907, a antiga Liga foi dissolvida e uma nova fundada, agora com a participação de um América reforçado por atletas inicialmente destinados ao Fluminense. No campo e na bola, o Tricolor mostrou novamente quem era o melhor, tornando-se tricampeão carioca invicto. Quanto ao time dos trânsfugas Gabriel e Belfort, fez um bom campeonato, terminando em segundo lugar na classificação geral, mas perdeu os dois confrontos com o Fluminense: 2 x 1 e 3 x 2.

Nesse mesmo ano, Edwin Cox sobressaiu tanto frente a um quadro argentino em excursão pelo Brasil, que foi considerado um dos quatro únicos jogadores brasileiros de "primeira categoria".

Em 1909, o Fluminense, de volta à camisa tricolor de listras verticais, foi novamente campeão e outra vez sem sofrer derrotas, alcançando assim duas marcas jamais igualadas por nenhuma outra equipe na história do Campeonato Carioca: tetracampeão e bicampeão invicto. Entre os campeões de 1909, Waterman, Victor Etchegaray, Félix Frias, Buchan e Emile Etchegaray podem se orgulhar de terem figurado como titulares de todos os times que levaram o Flu ao tetracampeonato.

Em seguida ao tetracampeonato, o Flu sofreu uma grande renovação em seus quadros. Em 1910, o próprio Oscar Cox, bem como seu irmão Edwin decidem viver permanentemente na Inglaterra e deixam o Clube, muito embora jamais se desligassem do Fluminense. Outros atletas, pressionados pelas necessidades de suas carreiras profissionais, também começam a encontrar dificuldades em seguir jogando futebol.
Como última contribuição ao Fluminense, e ao futebol brasileiro, Oscar Cox organiza, em agosto, a vinda do Corinthian de Londres ao país. Os ingleses visitam Rio e São Paulo e dão uma aula de futebol a um Brasil que ainda engatinhava no esporte. Vencem por 10 x 1 um desfigurado Fluminense que entre seus jogadores só tinha três campeões do ano anterior, sendo o goleiro Waterman o único remanescente daqueles cinco que atuaram em todos os títulos do tetra. Dois dias depois, o Corinthian aplicou um 8 x 1 na Seleção Carioca e, antes de seguir para São Paulo, destroçou uma seleção de brasileiros por 5 x 2.

No programa de lazer que o Fluminense montou para o Corinthian iniciou-se uma relação entre o Clube e a Floresta da Tijuca que se sedimentaria ao longo da história do Fluminense. Na véspera do jogo com o Tricolor, os ingleses foram ciceroneados em uma excursão pela Floresta e, dois dias depois, foram levados ao Corcovado, com direito a um banquete no Hotel das Paineiras. Em ambas as ocasiões os visitantes exultaram, maravilhados. O subconsciente do Fluminense (não o da instituição, que é de 1902, mas da entidade, que é eterna) tomou nota dos efeitos do lugar sobre os craques do Corinthian e, em agosto de 1911, antes de se sagrar campeão invicto, o time fez questão de subir em romaria ao Corcovado em busca dos seus bons fluidos.

Time campeão de 1908, da esquerda para a direita: em segundo plano, Oswaldo Gomes, Horácio da Costa Santos, Edwin Cox, Emile Etchegaray e Félix Frias; em primeiro plano, Nestor Macedo, Albert Victor Buchan, João Leal, Victor Etchegaray, Walter Salmond e A. W. Waterman.

Time campeão de 1909: em cima, Victor Etchegaray, A. W. Waterman, Félix Frias e Albert Victor Buchan; sentados, Nestor Macedo, Conrado Mutzenbecher e Armando de Almeida (Galo); embaixo, Carl Waymar, Joaquim da Costa Santos, Charles Hargreaves, Emile Etchegaray e Armínio Motta.





Mas ainda estamos em 1910. Naquele ano, no país, assim como no Clube, que pela primeira vez perde o Campeonato Carioca, a situação é desanimadora. Justamente quando grandes setores da população começavam a questionar os benefícios da República, assumia o Governo Hermes da Fonseca, um militar. Principiava a germinar nas classes médias e na aristocracia urbana, à qual o Fluminense estava ligado, uma inquietude geral. Os movimentos sindicalistas se organizavam e começavam a endurecer as greves. Era grande a insatisfação com o novo sistema de governo que, para frustração geral, se mostrara menos democrata que o Império.

Para piorar, os marinheiros se amotinaram contra o castigo corporal, aplicado na forma de chibatadas. Sitiaram a cidade e ameaçaram bombardeá-la caso seus pleitos não fossem atendidos. No Fluminense tiveram simpatia velada. Ali, sequer o burro Faísca que puxava o aparador de grama era submetido a tratamento tão brutal. O máximo que tinha de suportar era um pouco da tortura sonora dos repetidos cliques que seu tratador fazia com a boca para imitar o estalo de um chicote.

O ano de 1910 foi duro e cheio de traições. O Governo cedeu aos revoltosos, mas, depois de depostas as armas, mandou prender todos os amotinados, fazendo letra morta da palavra empenhada.



No Fluminense, logo no ano seguinte, esse ato do Governo seria muito lembrado, por conta de um incidente causado por duas formas diferentes de compreender a honra e a ética.

O time estava inteiramente renovado e rejuvenescido. Quem compara as fotos das equipes de 1909 e 1911 toma um susto. Os últimos pareciam filhos dos primeiros. Dos veteranos restava apenas Oswaldo Gomes, que jogara apenas uma partida do Campeonato Carioca de 1909 mas fôra do time principal durante todo o tricampeonato de 1906, 1907 e 1908.

As mudanças fizeram bem ao time (ainda que mal ao Clube) e o Fluminense esteve arrasador, conquistando o Campeonato Carioca sem nenhum ponto perdido.

A facilidade com que o time derrotava os adversários, no entanto, subiu à cabeça dos jogadores. Naquela época, o técnico atuava como preparador físico e a falta de um maior equilíbrio entre jovens e veteranos logo provocou atritos na equipe, deixando Oswaldo Gomes isolado.

As coisas pioraram quando se abriram duas vagas no Ground Committee. Ainda estávamos no amadorismo e todos os sócios do Clube tinham igual legitimidade para aspirar a atuar no



A terceira sede do Fluminense Football Club, erguida em 1915 e três anos depois demolida para a construção do estádio.

Time do Fluminense que jogou contra o Rio Cricket em 21/8/1910: em pé, Nery, Waterman e Motta; agachados, Waldemar, Mutzenbecher e Galo; sentados, Millar, Monk, Edwin Cox, Emile Etchegaray e Waymar.

primeiro time. Cabia ao Ground Committee escalar o time em nome da totalidade do restante do Clube em um processo razoavelmente representativo.

Considerando que Alberto Borgerth, jovem estudante de medicina e talentososo atacante, estava indicado para ser capitão do time, Oswaldo Gomes postulou uma vaga ao Ground Committee. No dia da escolha apareceu outro candidato e a votação terminou rigorosamente empatada. Com a concordância da geral, o presidente da assembléia decidiu por Oswaldo, que era o mais velho dos dois candidatos. Ele, entretanto, não concordou por achar que deveria haver outra votação e renunciou ao cargo.

Infelizmente, o problema não acabou aí. Próximo ao fim do campeonato, em votação interna, os quatro membros do Ground Committee, entre eles Borgerth e o tetracampeão Félix Frias, decidiram escalar a equipe com Paranhos no lugar do próprio Borgerth. Esse, preterido, não gostou e exigiu que o time fosse ouvido. Afonso de Castro discordou. Argumentou que a transição de 1909 para 1910 tinha sido

desastrosa e que o Ground Committee existia justamente para pensar o Fluminense como uma instituição de longo prazo e representativa de várias correntes com opiniões diferentes. Achava que dar poder ao time de se auto-escalar era um precedente perigoso que ia contra os princípios basilares em torno dos quais o Fluminense havia sido fundado. Para ele, o ato dava poder demais a um pequeno grupo e poderia levar à criação de um grupo fechado dentro do Fluminense. Apesar da exposição de Afonso de Castro, a contrariedade de Borgerth era tamanha que os outros dois membros aceitaram seu pedido.

Quando o assunto foi levado ao time, os atletas mostraram-se revoltados com a substituição de Borgerth e apresentaram uma escalação alternativa, incluindo o estudante de medicina. Mas não ficou por aí: pediram também a saída do veterano Oswaldo Gomes, que cederia seu lugar Arnaldo Guimarães. Ao voltar a questão ao Ground Committee, Borgerth ficou isolado e a escalação anterior foi

Os campeões de 1911: atrás, Píndaro, Baena e Nery; no meio, Orlando, Lawrence, Amarante e Galo; embaixo, Oswaldo Gomes, Borgerth, Carvalho e Calvert.

O aguardado confronto entre os dissidentes e o Fluminense Football Club – o primeiro Fla-Flu da história – foi vencido de forma surpreendente e brilhante pelo Tricolor por 3 x 2, em 7/7/1912.



mantida. Não foi uma reunião calma! Tal foi o clima de mal-estar que alguns sócios chegaram a temer que os nove jogadores insatisfeitos não comparecessem aos dois últimos jogos do campeonato. Foi escalado um time reserva para essa eventualidade.

Até hoje não se sabe se por brios ou por receio de ver os reservas levantando a taça de campeões de 1911 em seu lugar, mas o fato é que os insatisfeitos compareceram aos dois últimos jogos, e venceram o campeonato. Logo a seguir, abandonaram o Clube.



Essa é a história do nascimento do Flamengo. Sim, o clube Flamengo já existia antes, sua fundação é de 1895. Mas, como vaticinou Nelson Rodrigues, não havia a entidade Flamengo: "antes de 1912, o Flamengo de verdade era ainda Fluminense. Antes do futebol, o rubro-negro era domingo de regatas". Ou apenas um "clube de remo metido a besta", como completou Mário Filho. A cisão fratricida do Tricolor deu origem ao futebol rubro-negro, revivendo no futebol brasileiro o Esaú e Jacó da literatura de Machado de Assis. Irmãos no sangue, opostos em tudo o mais. Consangüíneos, pois se o futebol do Fla surgiu do Flu, entre os fundadores do Fluminense figuravam diretores do Clube de Regatas do Flamengo. Ambos os clubes sempre foram cordiais e fraternos, a ponto de o Fluminense emprestar o campo ao Flamengo para ali mandar seus jogos oficiais. E o Flamengo cedia a sua sede para a diretoria do Fluminense se reunir. Em tudo o mais, todavia, sempre nutriram um frio ódio mútuo.

Oswaldo Gomes, como não podia deixar de ser, sentiu o peso da responsabilidade. Tinha a consciência limpa, até mesmo renunciara ao Ground Committee tentando reconstruir a concórdia. Não adiantou. Malgrado seu gesto de humildade, os nove judas preferiram desertar.

Borgerth era de família influente no Fluminense, onde seu tio era um dos diretores. Não tardou para que comentários maldosos fossem feitos pelos cantos e recônditos do Clube: "Para prestigiar o veterano Oswaldo Gomes, o Flu escorraçara uma geração inteira de jovens campeões. Uma perda irreparável. Até para a honra e para os princípios há que se impor limites!!! Não só perdemos um grande time, como demos asas à cobra."

Quando, no ano seguinte, de peito estufado, o Flamengo adentrou o campo da Rua Guanabara, Oswaldo sentia-se como Atlas. Exausto, curvado ao peso do mundo que carregava às costas. O futebol do Tricolor estava em farrapos, vinha de uma campanha irregular em que sobressaíam duas derrotas: 2 x 1 para o Rio Cricket e uma goleada de 5 x 0 para o Paysandu. O Flamengo, que trazia os trânsfugas campeões pelo Flu no ano anterior, ao

contrário, tinha vencido seus dois encontros. Um deles pelo elástico placar de 16 x 2, contra o Mangueira.

A ansiedade pelo primeiro Fla-Flu era tanta, que nem o turfe e as regatas marcados para a mesma hora conseguiram esvaziar o estádio. Era menos pelo jogo, que este já era favas contadas. O que poderia fazer o time de reservas do Fluminense contra seus próprios titulares, agora envergando outro uniforme? Até os jornais davam como certa a vitória flamenguista. *O Paiz* chegara a publicar que "à equipe do Flamengo (...) por todas as razões, se impunha a sua vitória".

A torcida dividia o estádio meio a meio. Os tricolores tinham vindo emprestar solidariedade, os flamenguistas (já numerosos, posto que o remo era então mais popular que o futebol) enchiam sua metade das arquibancadas na expectativa de presenciar uma lição de futebol a ser dada no Fluminense. Havia alguns botafoguenses, paysandus e americanos, todos antecipando a cara de vezo e arrependimento da família tricolor ao cair perante um time que poderia ser ainda o seu próprio.

Vista lateral da terceira sede do Fluminense. O campo ficava do lado direito.

Regimento Interno do Fluminense e a tabela do campeonato de 1913.



Pouco antes do início da partida, um tricolor aproximou-se dos adversários para cumprimentá-los. Conversa vai, conversa vem, ele perguntou o porquê daquela camisa axadrezada, despropositadamente feia. Por que aquele hediondo papagaio de vintém? Não era o uniforme do Flamengo em listras horizontais?

A pergunta caiu como uma bomba entre os flamenguistas. Sua pompa e arrogância foram trocadas por uma galeria de sorrisos amarelos. Como explicar que não tinham sido bem recebidos no Flamengo; que não tinham autorização do clube para envergar a prestigiosa camisa do remo? Foi um tal de fitar o chão, desconversar. Não souberam responder. Naquele instante, começaram a perder um jogo que lhes era impossível não ganhar.
Quando trilou o apito, o Flamengo ainda estava paralisado, querendo esconder suas camisas, envergonhado de levantar os olhos ao nível da arquibancada. Edward Calvert passou desimpedido pela defesa adversária, como se esta fosse feita de peças fixas, e marcou 1 x 0 Fluminense com apenas um minuto de jogo. O gol funcionou como uma descarga de adrenalina no Flamengo, que acordou para a partida e, logo depois, empatou. Já era tarde!
O Flu sentira que não era impossível

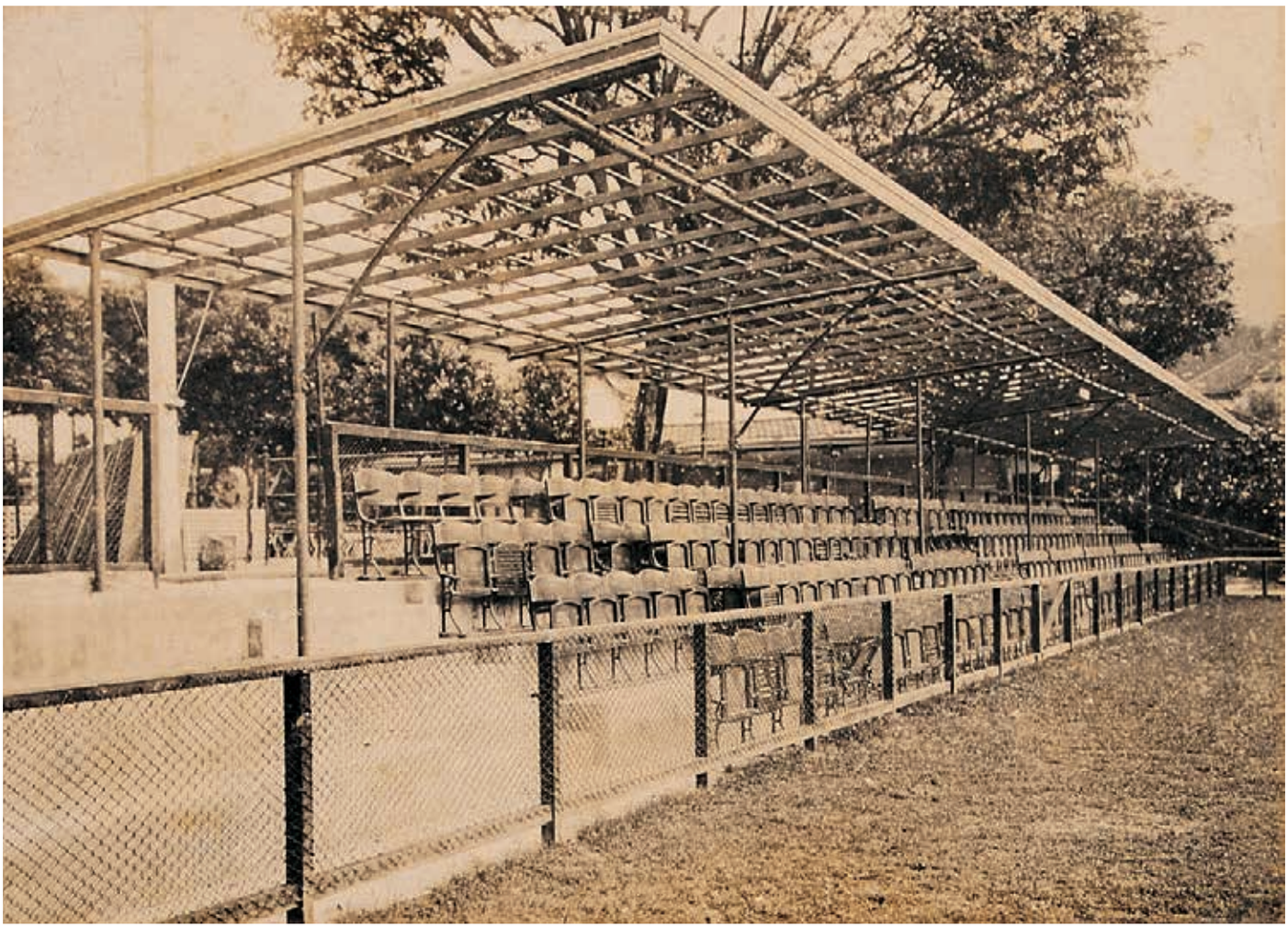


vencer e crescera às dimensões de um titã. Não adiantava o Flamengo pressionar que o Fluminense barrava todos os seus ataques.

Quando veio o intervalo, o que todos esperavam fosse uma goleada parcial era um disputado empate. Na etapa final, aos 17 minutos, falta para o Tricolor. James Calvert aproxima-se e ajeita a bola. Baena não sofrera mais que um único gol no campeonato de 1911 com a camisa do Flu. Era um goleiro sem igual nos campos brasileiros. Calvert, entretanto, fora o único que tomara partido de Oswaldo Gomes e preferira ficar no Fluminense a sair para outro time. Por sua vez, Baena tinha vindo do Botafogo para o Fluminense após a dissolução do alvinegro ao fim do campeonato de 1910. Apesar disso, escolhera abandonar o Clube que o recebera de braços abertos. Olhou de novo Calvert. Estremeceu. Seu chute viria com a potência dos injustiçados. Não veio. Veio à meia força. Baena, que se preparara para espalmar uma formidável bomba, mudou de idéia com a bola já em trajetória e adiantou-se para agarrá-la. A decisão, tomada a meio caminho, foi fatal e a bola escapuliu-lhe por entre os dedos, indo morrer aconchegada no filó das redes. Um senhor frango!

O Flamengo estava irreconhecível. Os torcedores entreolhavam-se, incrédulos.

Novamente o gol acordou o rubro-negro, que pressionou incansável até empatar mais uma vez a dois minutos do final. O estádio respirou aliviado.



Vista da arquibancada coberta atrás do gol, por volta de 1915.

Nada mais próprio. Depois de uma cisão tão dolorida, um empate entre as duas agremiações seria a cauterização de um ferimento que, de outra forma, talvez não fechasse nunca. Assim, doravante Fla e Flu poderiam marchar de braços dados em eterna irmanação.

Não era possível, entretanto, que o primeiro Fla-Flu do pós-nada terminasse sem um grandiloqüente ato da tragédia dos últimos minutos, que passaria a marcar desde então a história do maior clássico do futebol terrestre. O Fluminense repôs a bola em jogo. Calvert deu um chutão cruzado, colocando a pelota junto à área rubro-negra, Bartholomeu entrou correndo e arrematou, estufando a rede de Baena: Flu 3 x 2 aos 39 minutos do segundo tempo (naquela época, os jogos eram disputados em dois tempos de 40 minutos)! Dirão os torcedores de hoje que foi Bartholomeu um Assis que viajou de volta no tempo especialmente para marcar com esse ato sublime o que se tornaria o doce padrão de vencer o Flamengo com a ajuda dos Deuses da Igreja dos Gols dos Últimos Minutos.

Senhoras desfaleceram, respeitáveis cavalheiros abanaram-se. A multidão permaneceu muitos minutos inerte, meio abobalhada, sem entender. Como se o gol de Bartholomeu fosse muito complicado ou inusitado e necessitasse de especialistas abalizados para explicá-lo.

Depois, ainda tomados da nobreza que aprenderam no Fluminense, os jogadores do Flamengo confraternizaram no bar do Clube das Laranjeiras. Os flamenguistas, estóicos. Os tricolores, eufóricos. Plácido, a um canto, Oswaldo Gomes sorvia em pequenos goles seu eternamente inseparável café.

Mas os rubro-negros não ficaram no bar mais tempo do que o exigido pelo protocolo e pela boa educação. Na primeira oportunidade, se despediram e foram embora. Para piorar a dor de cabeça, tiveram que agüentar o infernal barulho do arrastar das latas de querosene que a torcida tricolor amarrara nos pára-choques traseiros dos Double Phaeton que os conduziram de volta a casa.

A vitória de 1912 foi maior do que ela própria. Graças a ela, o Fluminense, desfalcado de morte pela fuga de seus nove titulares, roubou dois pontos imprescindíveis ao Flamengo. Dois pontos que foram a conta do chá para que o Paysandu se apropriasse do título do rubro-negro. Também teve o efeito de amaldiçoar para sempre a camisa do papagaio de vintém. Borgerth não descansou enquanto não conseguiu aposentá-la.

Os anos seguintes foram de reestruturação. A vitória sobre o Flamengo não tinha nada a ver com futebol. Fora uma vitória de princípios. No futebol mesmo, o time estava em frangalhos. Havia muito que mudar. Apenas Oswaldo Gomes era intocável. Entre ele e o Fluminense havia agora um pacto não escrito de que o futebol no Clube era sinônimo de Oswaldo Gomes. A reverência era tão forte que, em 1913, quando foi convocada extra-oficialmente a primeira Seleção Brasileira para enfrentar um combinado português, lá estava, intocável, Oswaldo Gomes.





FLUMINENSE *Football Club - 100 Anos de Glórias* traça um paralelo entre os acontecimentos que pautaram a história do Brasil no século XX e a evolução do futebol no Clube e no país. Através de inúmeras preciosidades guardadas diligentemente no incomparável acervo tricolor, foram resgatados os personagens de uma trajetória centenária iniciada com a primeira viagem a São Paulo, ainda em 1901, do grupo de amigos que viria a fundar o Fluminense. Trata-se de um relato emocionante, que encanta tanto leigos quanto profundos conhecedores de futebol. E torna claros dois fatos fundamentais do esporte: o futebol transcende as portas de qualquer clube e o seu maior tempero é a paixão. É impossível ler este livro sem vibrar com as conquistas alcançadas a suor e sangue e com os sacrifícios de inúmeros atletas, torcedores e dirigentes, que foram aos poucos construindo a história de muitas glórias do Tricolor das Laranjeiras.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Patrocínio

BR

Andrea Jakobsson
Estúdio

ISBN 85-88742-03-9